

Carlos Martins “Vagar”

17 out 2024
21:00 Sala Suggia

Outono em Jazz

Nicola Conte

Carlos Martins “Vagar”

Carlos Martins saxofone e composição

Manuel Linhares voz

Carlos Barretto contrabaixo

Alexandre Frazão bateria

João Bernardo piano e teclados

Joana Guerra violoncelo

Paulo Bernardino clarinete baixo

João Barradas acordeão

Grupo Procante – Cantadores Francisco Pestana, Pedro Calado, Luís Soares, Francisco Bentes, Moisés Moura, Carlos Franco-Nobre, Luís Aleixo e Hugo Bentes

O que acontece quando o jazz se junta ao cante alentejano? E se por lá estiverem também sons do Mediterrâneo? Acontece *Vagar*, projeto de Carlos Martins que faz uma abordagem completamente original à música tradicional do Alentejo. O disco, hoje apresentado na Casa da Música, é o trabalho de um alentejano de gema – o saxofonista e compositor –, mas também de um coletivo que Carlos Martins foi desassossegando e juntando à sua volta.

A escrita musical foi acompanhada de perto por dois reputados cantadores alentejanos, Hugo Bentes (Serpa) e Pedro Calado (Évora), pelo escritor José Luís Peixoto, que escreveu algumas das letras e textos, e pelo fotógrafo José Manuel Rodrigues (Prémio Pessoa), que ilustra a música e as palavras, criando um campo visual onde as linguagens se conectam.

Estes artistas, todos alentejanos, pensaram em conjunto no que é ser alentejano no mundo hoje, transpondo para a música, as palavras e as imagens uma abordagem contemporânea do cante. O jazz é usado como elemento que reinventa a tradição, sem medo de correr riscos, criando espaço para a liberdade na composição e arranjos.

Vagar nasce da vontade de deixar uma obra global que propõe uma nova abordagem ao cante alentejano com todas as suas influências, no seu alcance geográfico e espiritual. A ideia central de composição parte de uma visão cosmopolita, com mais mundo, da tradição alentejana da respiração dos espaços e dos tempos, numa certa lassidão, na luz extrema e nos contrastes de sombra, na generosidade e em paisagens sonoras que nos reaproximem de uma vida consciente das diferentes ecologias. “Vagar”, diz Carlos Martins, “é um manifesto pela desaceleração”.

Carlos Martins

Nascido em 1961 no Alentejo, Carlos Martins é saxofonista, músico de jazz e compositor. É conhecido pelas suas composições e colaborações na música contemporânea, jazz e música do mundo, tanto em Portugal, como no estrangeiro, sendo também reconhecido pelos trabalhos conceptuais que desenvolve enquanto diretor artístico e produtor.

Estudou música contemporânea, composição e saxofone em Lisboa, Barcelona e Nova Iorque. Foi professor no Conservatório Nacional de Lisboa, no Hot Clube de Portugal e no New Jersey Performing Arts Center.

Fundador de alguns dos grupos de jazz portugueses mais importantes, tocou em inúmeros festivais nacionais e internacionais. É vasta a lista de colaborações com artistas de diferentes disciplinas e músicos de contextos e influências variadas, como Bernardo Sasseti, Cindy Blackman e George Garzone.

Tem vários discos enquanto compositor e toca em muitos de outros músicos. Compôs também para cinema, peças de teatro e espetáculos de dança, além de ter contribuído para projetos interdisciplinares.

O som do seu saxofone indica referências a lendas do jazz americano como John Coltrane ou Sonny Rollins, e músicos europeus como Jan Garbarek, mas a sua música está profundamente enraizada na cultura lusófona e mediterrânica.

Operação técnica

Som André Tavares

Desenho e operação de luz Pedro Leston

Projeção vídeo Ivo Reis

Road Manager Roberto Roque

Nicola Conte guitarra, composições, arranjos

Bridgette Amofah voz

Pietro Lussu piano e teclados

Mehmet Ikiz bateria

Ameen Saleem contrabaixo

Timo Lassy saxofone

Abdissa “Mamba” Assefa percussão

Renomado músico, produtor e DJ italiano, Nicola Conte vem apresentar o seu último álbum, *Umoja*, um disco onde encontramos influências das pistas de dança como o disco, o acid jazz ou o house aliadas a referências algo exóticas como o afro-jazz ou a retro soul.

O trabalho resulta do vasto conhecimento que Conte acumulou ao longo da sua carreira como compilador e arquivista de jazz, música latina, afro-futurista, bossa nova e soul de todo o mundo. Em sua líria, *Umoja* indica unidade e harmonia, uma demonstração de sentimentos universais feita pela música multifacetada que Conte estuda e pesquisa.

Na sua vasta discografia, o músico já mostrou sons de todas as formas e proveniências: entre 2009 e 2013, compilou cinco volumes de música brasileira esquecida dos anos 1960 para a série *Viagem*. Depois, mergulhou em standards de jazz ao lado de versões de pérolas brasileiras menos conhecidas.

A música de *Umoja* inspira-se nos sons independentes de jazz espiritual e free jazz dos anos 1970, discos de soul de produção privada, e ritmos africanos e afro-caribenhos da coleção de Conte. Mas nele cabem também os mestres de jazz norte-americanos Lonnie Liston Smith e Gary Bartz, e os mentores do afrobeat Fela Kuti e Tony Allen.

Revivalista, com orgulho, *Umoja* foi gravado diretamente em fita analógica, “à procura de uma sensação não adulterada, espontânea, quase improvisada”, como explicou. “Foi feita muito pouca pós-produção ou edição, por isso o que se ouve é, em grande parte, o que aconteceu nas mágicas sessões ao vivo.” Para esta noite, promete-se mais uma dessas inesquecíveis sessões.

Nicola Conte

Para se compreender a originalidade e sensibilidade musical de Nicola Conte convém ir ao início, ao tempo em que o músico criou em Bari, a sua cidade natal, um movimento cultural – Fez – que começou por alterar o contexto cultural italiano e, mais tarde, teve repercussões fora do país. Estávamos no início da década de 1990 e o movimento reunia músicos de várias origens, que cresceram juntos com os mesmos interesses intelectuais, musicais e políticos. Agitadores culturais, sonhadores, entusiastas do jazz dos anos 1950 e 1960, conhecedores profundos da nouvelle vague, colecionadores compulsivos de vinis, e amantes de literatura escrita por almas revolucionárias como Jean Paul Sartre e Boris Vian. Fez tornou-se uma referência para os artistas envolvidos no panorama do acid jazz, então em voga em Londres; e Nicola Conte passou a ser a ligação entre os artistas conhecidos fora de Itália, mas ainda pouco divulgados no seu país.

Com Fez a ser reconhecido enquanto movimento cultural, Conte – que estudou música clássica – começou a trabalhar na

produção musical de várias bandas ligadas ao jazz, entrou no universo das bandas sonoras e no domínio da bossa nova. Estas três dimensões estão expressas nas produções dos anos 1990, com fortes raízes afro.

O ano de 2000 marca uma viragem para *Other Directions*, disco que representa a estética do músico: sempre entre o jazz e a bossa nova, com requintadas atmosferas acústicas. O álbum vendeu mais de 60 mil cópias e tornou Nicola Conte uma figura incontornável.

Numa extensa discografia, destaque para *Rituals*, lançado em 2008, uma confirmação do talento multifacetado e maturidade do artista e instrumentista de Bari. *Love & Revolution*, de 2011, vai buscar o talento de cantores como José James, Nailah Porter, Melanie Charles, Gregory Porter (Estados Unidos), Veronica Harcsa (Hungria), Alice Ricciardi (Itália) e Bridgette Amofah (Reino Unido) – presente esta noite na Casa da Música –, além de instrumentistas notáveis dos dois lados do Atlântico. *Free Souls*, disco de 2014 que chegou também ao Japão, é um álbum de soul puro, um mergulho em sons de maior profundidade.

Em 2017, Conte enceta uma nova colaboração com Gianluca Petrella, trombonista italiano de renome, com quem tem vindo a trabalhar desde então na conjugação de sonoridades aparentemente impossíveis de reunir: soul, groove, os ritmos de África, um jazz puro em que todos entram e, como sublinhou na altura, “em que todos se devem poder expressar livremente”.

Operação técnica

Iluminação Rui Leite

Palco José Amaro, Vítor Resende

Som Carlos Lopes, Miguel Lopes